

Imperatriz Teodora, Orígenes e a Reencarnação no Cristianismo Primitivo: um Estudo Comparado

Adolfo de Mendonça Junior¹

¹Núcleo de Pesquisadores Espíritas (NUPE) Agnelo Morato, Franca-SP.

e-mail: ¹ adolfoprofessor@msn.com

(Recebido em 05 de Janeiro de 2023 e publicado em 27 de Junho de 2023).

Trabalho apresentado no 4º Encontro do Núcleo de Pesquisadores Espíritas “Agnelo Morato”, da cidade de Franca-SP, ocorrido no dia 22 de maio de 2022, por videoconferência, pelo Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/CPu7ql4qquQ>.

RESUMO

Esse artigo tem como escopo apresentar os resultados de um estudo comparado sobre a retirada ou não, da reencarnação, dos cânones da Igreja, no II Concílio de Constantinopla em 553, exclusão essa influenciada pela esposa do imperador bizantino Justiniano I, Teodora, que teria sido prostituta e abdicado da prostituição após seu casamento. O objeto de estudo é a contraposição entre a literatura espírita e a acadêmica. Objetivos específicos: i) analisar os fundamentos do conceito espírita de reencarnação; ii) conhecer o passado da imperatriz e sua importância no reinado de Justiniano I; iii) estudar o crime que Teodora teria cometido contra as rameiras, assim como a maldição que recaiu sobre ela e iv) pesquisar as hipotéticas ideias de Orígenes sobre reencarnação, que teriam sido condenadas nesse Concílio. A metodologia é a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com o enfoque no estudo comparado e análise de texto. Pretende-se contrastar referências acadêmicas, como por exemplo, os escritos de Marcus Silva da Cruz e Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes Mamedes (Da Cruz & Mamedes, 2014), com referências espíritas, como o testemunho de Divaldo P. Franco (2020), sobre a vida da imperatriz Teodora, se nesse Concílio a reencarnação foi mesmo suprimida do Cristianismo Primitivo e quais são as supostas ideias de Orígenes sobre reencarnação. Como resultado, espera-se estabelecer algumas semelhanças, diferenças, generalizações e individualizações.

PALAVRAS-CHAVE: Concílio Ecumênico; Cristianismo Primitivo; Imperatriz Teodora; Orígenes; Reencarnação na Igreja.

COMO CITAR: A. de Mendonça Junior, *JEE* 11, 010401 (2023). DOI: [10.22568/jee.v11.artn.010401](https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010401).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010401>.



I INTRODUÇÃO

Este trabalho foi motivado pela dúvida sobre como a literatura acadêmica retrata a asserção de autores espíritas sobre o tema *reencarnação* no Cristianismo Primitivo. Em particular, nossa pesquisa iniciou-se a partir das seguintes informações da literatura espírita sobre a trajetória da vida de Teodora, esposa de Justiniano I¹, “O grande”: de marafona, Teodora se tornou palaciana, teria sido mandante da execução de 500 prostitutas, além de

perseguir quem tinha crença na reencarnação, ancorada nas ideias de Orígenes, um dos fundadores da teologia cristã.

Esse artigo tem, portanto, o escopo de apresentar os resultados de um estudo comparado sobre a retirada (ou não) da reencarnação, dos cânones da Igreja, no II Concílio² de Constantinopla³ em 553, exclusão essa influenciada pela esposa do imperador bizantino Justiniano I, Teodora, que teria sido prostituta e abdicado da

¹ Justiniano I, considerado por alguns como o último imperador romano e o primeiro imperador bizantino. Ele governou o antigo Império Romano do Oriente, no período entre 527 e 565.

² Concílio de Constantinopla de 553 (muitas vezes chamado de Constantinopla II ou Quinto Concílio Ecumênico).

³ Antes de ser Constantinopla, a cidade se chamava Bizâncio. No século IV, diante das ameaças de invasão dos povos germanos, o imperador Constantino transferiu a capital do Império para a cidade de Bizâncio, que em sua homenagem passou a se chamar Constantinopla (onde hoje está Istambul, Turquia). No ano de 395, o Império Romano foi dividido em duas partes: ocidental e oriental, sendo Constantinopla a sede do Império Romano do Oriente, que passou a ser chamado de Império Bizantino. Assim, o Império Bizantino se constituiu da divisão do Império Romano.



prostituição após seu casamento. O objeto de estudo é a contraposição entre a literatura espírita e a acadêmica.

No primeiro item dessa pesquisa, analisaremos os fundamentos do conceito espírita de reencarnação, da ideia de metempsicose ao que Allan Kardec chamou de moderna doutrina da reencarnação. No segundo item, estudaremos o perfil biográfico da imperatriz Teodora (527 [530?]-548), do prostíbulo à consorte imperial, considerada a mais bela e sábia mulher da *Antiguidade Tardia*. No terceiro, examinaremos fontes espíritas e acadêmicas a versar sobre o suposto crime praticado a 500 prostitutas, a mando de Teodora que, por esse motivo, teria sido amaldiçoada pelo seu povo que era reencarnacionista. Por fim, no quarto item, perscrutaremos as supostas ideias de Orígenes sobre a preexistência da alma e a pluralidade das vidas sucessivas, que teriam sido condenadas pelo Concílio de Constantinopla em 553. Ou seja, analisaremos se as fontes acadêmicas corroboram com as fontes espíritas.

A metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica de enfoque qualitativo, articulada com o estudo comparado e a análise de texto. Ou seja, vamos comparar o que diz a academia e o que dizem os espíritas sobre a vida da imperatriz, se a reencarnação de fato foi rejeitada nesse concílio de 553, se realmente ela foi retirada dos cânones da Igreja, e quais ideias de Orígenes foram condenadas no Concílio de Constantinopla de 553. Caso ele tenha se convertido para a crença na reencarnação, qual vocábulo ele utilizou para caracterizá-la, se *pluralidade das vidas sucessivas* ou *ressurreição*, por exemplo.

Partimos de uma revisão de literatura leiga, científica e espírita a partir de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações, teses, textos espíritas, mediúnicos ou não, e entrevistas. O estudo comparado ocorrerá entre as fontes acadêmicas e espíritas como, por exemplo, a comparação entre o artigo de Marcus Silva da Cruz e Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes Mamedes (Da Cruz & Mamedes, 2014) com o testemunho de Divaldo Pereira Franco (2020).

II OS FUNDAMENTOS DO CONCEITO ESPÍRITA DE REENCARNAÇÃO

Os primeiros registros sobre a ideia de reencarnação se perderam nas brumas da história. Religiões tradicionais da Antiguidade como o Budismo e o Hinduísmo, por exemplo, também professam tal crença, tendo cada uma, suas peculiaridades. “Palingenesia”, “pluralidade das existências”, “vidas sucessivas”, “transmigração da alma”, “ressurreição” e “metempsicose”, são os principais termos que a caracterizam (Cf. De Faria, 2017, p.88, 89, 90). A certeza de sua existência é um dos princípios fundamentais do Espiritismo, embora o termo e seu significado não tenham sido cunhados por Allan Kardec, seu fundador. A esse respeito, Kardec fez a seguinte assertiva:

Como se vê, temos muitos motivos para não aceitar levemente todas as teorias dadas pelos Espíritos.

Quando surge uma, limitamo-nos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixar fascinar pelo brilho de nomes pomposos; examinamo-la como se emanasse de um simples mortal e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. **Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação, que não tínhamos adotado, embora vinda dos Espíritos, senão após haver reconhecido que ela só, e só ela, podia resolver aquilo que nenhuma filosofia jamais havia resolvido [...]** (Kardec, 1860, p.172, 173, grifo nosso).

Como podemos ver no excerto acima, Allan Kardec só aceitou a teoria da reencarnação, revelada a ele pelos Espíritos, depois de muito estudo e reflexão, comparando o que eles disseram nas entrevistas que Kardec fez por meio de evocação, com as entrevistas que ele replicava, para a validação dos resultados, ou seja, ele utilizou o “método experimental” sendo convencido quanto a racionalidade do ensino dos Espíritos sobre reencarnação.

Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma Lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja, porém, como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta Doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente (Kardec, 2019d, p.142).

O fundador do Espiritismo afirma que a ideia da reencarnação aparece em muitas passagens dos Evangelhos (Cf. Kardec, 2019d, p.151). A esse respeito, Allan Kardec fez a seguinte assertiva “*Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que restituir-lhes-á o sentido verdadeiro*” (Kardec, 2019c, p.72). Em outra obra, Kardec afirmou:

O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto

as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que as precederam? Por que têm aquelas melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana. (Cap. II, item 10.) (Kardec, 2019a, p.196).

Consorte Allan Kardec, o Espiritismo pretende direcionar o estudo sobre reencarnação da esfera religiosa para o campo científico, ou seja, propõe estudar a reencarnação no âmbito da ciência, por estudo e observação, submetendo os textos espíritas, sendo eles comunicações mediúnicas ou não, ao exame da razão, do bom senso e da lógica e na observação quanto a concordância ou não do ensino dos Espíritos (Cf. Kardec, 2019c, p. 22 Kardec, 2020, p. 335).

III O PASSADO DA IMPERATRIZ TEODORA E SUA IMPORTÂNCIA NO GOVERNO DE JUSTINIANO

Esse estudo não pretende analisar a questão da desigualdade de gênero ou o poder feminino na Antiguidade Tardia; assim como não pretende estudar a homossexualidade humana. Apresentaremos nesse item uma breve narrativa da trajetória de vida da atriz, prostituta e imperatriz Teodora (497 [500]?-548), do prostíbulo a consorte imperial, considerada a mais bela e sábia mulher de sua época. Há diversas questões intrigantes na história de Teodora. Teria ela sido uma espia ou santa, prostituta ou genial atriz, heroína ou assassina? Ela é o tipo de personagem cuja história não se pode contar sem correr o risco de exagerar. Escrever sobre sua biografia é um grande desafio.

A suposta fonte principal, a “História secreta”, de Procópio de Cesareia, parece apresentar, para muitos historiadores, uma imagem distorcida da realidade devido ao ódio visceral do autor por ela. Na opinião de Procópio, na juventude, Teodora era uma mulher

sem nenhum pudor e quase demoníaca quando se ascendeu ao trono, de modo que não lhe é dado qualquer desconto moral ou material⁴ (Ravegnani, 2016, p.27, tradução nossa).

Consoante o excerto anterior, embora seja relevante historicamente, não utilizarei os escritos de Procópio de Cesareia sobre do passado da imperatriz Teodora, uma vez que esses escritos promovem uma espécie de “ódio visceral” contra ela, além do livro *História secreta* não ser considerado uma fonte confiável.

Segundo Dos Santos (2019, p.35), “*No ambiente secular, as imperatrizes tendem a aparecer nas documentações pelas suas relações com o imperador e obrigações com o Império, haja vista o descaso por parte dos redatores – majoritariamente homens –, ao elucidar o feminino*”. No caso de Teodora, o que podemos dissertar sobre essa mulher, como era sua relação com o imperador, ela exerceu alguma influência no reinado de Justiniano I?

Procópio de Cesarea, conforme citado por Correia (2021), afirmou que Teodora era “*Baixa, mas atraente, apegada às cerimônias da corte e amante do luxo*”. Teodora veio de uma família do circo, plebeia, nascida em Constantinopla⁵, filha de Acácio, um domador de animais ferozes do Hipódromo⁶. Com a morte do pai, ela e suas duas irmãs passaram a atuar no Hipódromo como atrizes, mimetistas e libertinas; profissões estereotipadas e de baixa reputação social, sendo que a maioria das atrizes eram prostitutas. Teodora “*Não tinha grande habilidade artística: ‘não sabia tocar flauta ou harpa, nem sabia dançar’, mas o seu corpo era tudo para ela e ela só podia oferecer a sua beleza*”⁷ (Ravegnani, 2016, p. 27, tradução nossa), no entanto, era engraçada e desinibida.

Ela era particularmente espirituosa e obscena, de modo que rapidamente se tornou conhecida por essa atividade. Ela não era uma pessoa tímida e nunca ninguém a viu envergonhada. Pelo contrário, emprestou-se sem hesitar a serviços “sujos” e conseguiu de ser espancada e era capaz de se deixar espancar e bater nas bochechas, brincando e rindo sobre isso, e, após se despir, na frente e atrás, mostrava-se nua a qualquer pessoa; aquelas partes do corpo que a decência exige que devem ser escondidas da vista dos homens. Com os amantes, ela estava cheia de piadas e de flerte e, ao provocá-los com formas sempre novas de acoplamento, ela conseguiu ligar para sempre o afeto dos dissolutos⁸ (Ravegnani, 2016, p. 27, tradução nossa).

⁴ “*Quella poi che dovrebbe essere la fonte principale, la Storia Segreta di Procopio di Cesarea, sembra per molti storici presentare un quadro distorto della realtà dovuto all’odio viscerale che aveva l’autore per lei. Teodora è in Procopio una donna svergognata in gioventù e quasi demoniaca quando sale al trono, per cui non le viene fatto alcuno sconto sul piano morale e materiale*” (Ravegnani, 2016, p.27, tradução nossa).

⁵ Encontramos duas fontes sobre o nascimento de Teodora: ela teria nascido no ano 497, na ilha do Chipre, ou no ano 500, em Constantinopla (Cf. Holmes, 1912, p. 342).

⁶ O Hipódromo é uma arena ao ar livre, de estilo romano, para eventos esportivos como corridas de cavalos, bigas e carruagens, uma espécie de circo, onde as autoridades ofereciam ao povo o entretenimento (Cf. Hernández, 2010, online).

⁷ Teodora “*Non aveva grandi capacità artistiche: «non sapeva suonare flauto né arpa e neppure era abile nella danza», ma il corpo per lei era tutto e poteva offrire soltanto la sua bellezza*” (Ravegnani, 2016, p. 27).

⁸ Era particularmente spiritosa e salace così che si mise subito in evidenza per questa sua attività. Non era persona che avesse alcun pudore e nessuno la vide mai vergognarsi, al contrario si prestava senza alcuna esitazione a turpi servizi ed era capace di lasciarsi percuotere e schiaffeggiare sulle guance scherzando e ridendoci sopra e, dopo essersi spogliata davanti e dietro, mostrava nuda a chiunque quelle parti del corpo che la decenza vuole siano nascoste alla vista degli uomini. Con gli amanti era piena di scherzi e civettuola e, provocandoli con sempre nuove forme di accoppiamento, riusciva a legarsi per sempre l’affetto dei dissoluti (Ravegnani, 2016, p. 27, tradução nossa).



Ainda na adolescência, teve suas primeiras experiências sexuais, com homens de todos os níveis da sociedade, considerando que na época era comum ver dançarinas se tornarem prostitutas (Cf. [Dos Santos, 2019](#), p. 38; [Maia Jr., 2004](#), p. 157; [Mamedes, 2018](#), p. 184).

Aos 18 anos, Teodora abandonou sua carreira inesperadamente para se tornar amante de Hecébolus, o governador do país hoje conhecido como Líbia. Quando eles se separaram, pouco tempo depois, ela se juntou a uma comunidade ascética no deserto perto de Alexandria, experimentando uma conversão religiosa a um ramo do Cristianismo primitivo, o monofisismo, que estava então sob ataque do estado romano. A divisão entre aqueles que acreditavam, com o Estado, que Cristo era totalmente humano e totalmente divino em um, e aqueles que, como Teodora, acreditavam que sua divindade era a força principal, perdurou por toda a vida de Teodora⁹ ([Duffy, 2010](#), tradução nossa).

Ao retornar para Constantinopla, por volta do ano 521, conheceu o príncipe Justiniano, senador romano e sobrinho do imperador Justino. Justiniano logo se apaixonou por ela, vindo a se tornarem concubinos. No entanto, o passado de Teodora, o fato dela ter vindo de uma família plebeia e ter sido prostituta tornou-se uma mácula em sua biografia.

No começo de 522, Teodora vivia como amante de Justiniano no Palácio de Horsmida, uma mansão localizada na costa do Mar de Mármara, perto do Grande Palácio imperial. A ela foi concedida o status de patricia, uma honraria que elevou sua categoria social. Acontece que uma lei promulgada por Constantino proibia o casamento entre um membro senatorial e atrizes e além do impeditivo legal, Eufêmia, esposa de Justino, era uma feroz oponente ao casamento entre os dois, por isso enquanto a imperatriz viveu, Justiniano não teve meios de tornar Teodora sua esposa ([Mamedes, 2018](#), p. 185,186).

Com a morte de Eufêmia, esposa de Justino, o imperador promulgou uma nova lei, permitindo o casamento de uma atriz com um senador romano, desse modo, Justiniano e Teodora se casaram e ela tornou-se a mulher mais importante do Império Bizantino. Assim, quando

Justiniano assumiu o trono em 527¹⁰, “Teodora, a plebeia do bordel” foi proclamada imperatriz, obtendo o título de “Augusta”. Agora ela era uma mulher madura, que aprendeu a ser mais discreta, ter autocontrole e sabedoria (Cf. [Mamedes, 2018, 2022](#), p. 186).

Ambicioso, Justiniano buscou reconquistar o antigo Império Romano do Ocidente, restaurar o Cristianismo e expandir as fronteiras do Império, tendo retomado Ravena, na Itália, em 540, que estava sob domínio dos germanos, que eram adeptos do arianismo¹¹ (Cf. [Soares, 2006](#), p. 7,8). Em outros termos, podemos dizer que ele queria governar novamente um único Império Romano, sendo Constantinopla¹² a “Nova Roma”, ou melhor, a capital do Império. “A remoção dos germânicos e seus reis e/ou chefes deixaria o imperador de Constantinopla no centro do poder e reestruturaria as cidades e instituições bárbaras ao modelo romano/cristão elaborado por Justiniano” ([Soares, 2006](#), p. 8). Justiniano I “O grande”, é considerado um dos mais respeitados imperadores do Império Bizantino. É importante ressaltar que o “[...] mais influente conselheiro e ajudante do imperador, foi sem dúvida sua esposa, a imperatriz Teodora” ([Da Cruz & Mamedes, 2014](#)).

Dois anos após o seu casamento Teodora ascende ao trono ao lado de Justiniano, e a partir desse momento é inegável o papel fundamental que desempenhou ao lado de seu marido. A imperatriz exerceu uma notável influência no governo, como nos diz Maier “Ela possuía não apenas ambição política e talento, mas também sagacidade”¹³ ([Maier, 1986](#), tradução nossa). Ademais nos momentos decisivos, possuía a firmeza que faltava ao imperador, como na famosa revolta de Nika, uma rebelião interna que ameaçou o poder imperial de Justiniano, que levou o imperador a uma tentativa de fuga e abandono do trono, sendo demovido pela tenacidade de Teodora, que fala a célebre frase: “A púrpura é uma mortalha gloriosa”. A ela é também atribuída algumas das *novellae*, promulgadas por Justiniano, principalmente no que concerne aos direitos que beneficiavam às mulheres ([Da Cruz & Mamedes, 2014](#), p. 40).

Ela exerceu grande influência no governo¹⁴, na diplomacia e sobretudo no debate sobre a natureza de Cristo.

⁹ At 18, Theodora walked away from her astonishing career, to become mistress to Hecebolus, the governor of what is now known as Libya. When they broke up, not long afterwards, she joined an ascetic community in the desert near Alexandria, experiencing a religious conversion to a branch of early Christianity, **Monophysitism**, that was then under attack by the Roman state. The division between those who believed, with the state, that Christ was both fully human and fully divine in one, and those who, as Theodora did, believed His divinity was the prime force, raged on throughout Theodora's life ([Duffy, 2010](#)).

¹⁰ Justiniano governou o Império, de 527 a 565.

¹¹ “Desde o início do século IV, a Igreja entendeu e proclamou a verdade bíblica de que Jesus Cristo é totalmente Deus e totalmente homem, opondo-se à heresia ariana de que Ele é de fato totalmente homem, mas algo menos que totalmente Deus” ([Stern, 1998-1999](#), p. 152, tradução nossa). No original: “Since the early fourth century, the Church had understood and proclaimed the biblical truth that Jesus Christ is fully God and fully man, opposing the Arian heresy that He is indeed fully man but something less than fully God ([Stern, 1998-1999](#), p. 152).

¹² Antes de ser Constantinopla, a cidade se chamava Bizâncio. No século IV, diante das ameaças de invasão dos povos germanos, o imperador Constantino transferiu a capital do Império para a cidade de Bizâncio, que em sua homenagem passou a se chamar Constantinopla (onde hoje está Istambul, Turquia). No ano de 395, o Império Romano foi dividido em duas partes: ocidental e oriental, sendo Constantinopla a sede do Império Romano do Oriente, que passou a ser chamado de Império Bizantino. Assim, o Império Bizantino se constituiu da divisão do Império Romano.

¹³ “No solo poseía ambición y talento políticos, sino también una gran agudeza” ([Maier, 1986](#)).

¹⁴ Ela foi responsável em grande medida pelas reformas de Justiniano.



Era cristã monofisista, crença na ideia de que Jesus tinha apenas uma natureza divina, ou seja, ele era o próprio Deus e não um homem (Cf. Stern, 1998-1999, p. 152,153), em oposição às ideias de seu cônjuge que era defensor da Igreja Ortodoxa grega. No entanto, Justiniano tentava trazer os monofisistas para o seu lado, ou melhor, para o seio do pensamento calcedônico, a fim de consolidar a ortodoxia cristã. O imperador “[...] nunca pensou nos monofisistas como hereges. Eles foram, para ele, vítimas de um profundo mal-entendido, e uma de suas convicções mais arraigadas era que ele tinha a missão de reconciliá-los com a Igreja”¹⁵ (Hughes, 1960, tradução nossa).

A partir de estudo comparativo, observamos que nesse item há coesão entre as fontes eruditas e as fontes espíritas¹⁶, no que tange ao fato de Teodora ter saído do bordel para se transformar em uma das mais influentes imperatrizes da história, e por ela influenciar de maneira significativa o reinado de Justiniano I. No entanto, há uma divergência quanto a sua opção em defender os ideais e proteger os monofisistas, considerando que consorte os escritos espíritas, ao invés de proteger os monofisistas, ela teria influenciado seu marido para abolir a reencarnação dos cânones da Igreja. Optamos pela versão dos eruditos por considerar que o Espiritismo recomenda ficar com todas as verdades comprovadas pela ciência (Cf. Kardec, 2019b, p. 220). Esta é a base em que nos apoiamos.

IV O CRIME QUE AMALDIÇOOU TEODORA E SUA PERSEGUIÇÃO ÀS PROSTITUTAS DE CONSTANTINOPLA

A seguinte narrativa foi transcrita de uma palestra do médium e tribuno baiano Divaldo Pereira Franco proferida em 25/03/2006 no *Centro de Convenções do Parque Barigui*, em Curitiba/PR, disponível no canal do *YouTube* da Federação Espírita do Paraná (Franco, 2020).

No ano de 547 o imperador Justiniano, [...] solicita ao papa que o II Concílio de Roma seja celebrado em Constantinopla. O papa discorda, Roma era a capital do catolicismo. Justiniano ameaça, ele era o senhor das legiões, seu poder saía do Oriente e ameaçava o Ocidente. O papa de caráter débil teme e cede e é marcado para 553, o II Concílio de Constantinopla. Teodora, a imperatriz havia conquistado [Justiniano], esse homem singular [...] ela o havia conquistado, uma beleza incomum, dizem em suas biografias e uma astúcia que somente as mulheres têm, no bom sentido da palavra, e então, ela se torna imperatriz e passa a praticamente a governar o Império Romano do Oriente, com a sua sagacidade, a interferir nos negócios do Estado e nos negócios da religião [...]. Dessa forma, as suas amigas de bordel entusiasmadas pela glória de uma concidadã, começam a dizer que ser retriz é honorável, afinal uma delas era a imperatriz.

E Teodora, dominada pela fúria e amargurada pela sua vida anterior, na própria existência, manda matá-las a todas. A história registra entre 500 e 550 (...). O crime produziu uma reação na sociedade que agora dispara contra Teodora, as acusações mais cruéis. “E essa, ela vai reencarnar. Ela se reencarnará 500 vezes para pagar o crime hediondo”. É claro que a reencarnação não é assim, não é a pena de talão pagar mal por mal, aliás, nem é pagar, é reparar o mal que fez pelo bem que possa realizar. [...] Teodora que era muito feliz não deseja voltar à Terra para sofrer e estimula o marido: “No próximo Concílio vamos tornar a reencarnação, uma doutrina herética porque eu não voltarei para pagar o crime”. [...] Nesse Concílio, [...] discutem-se as doutrinas de Orígenes. [...] Mas nesse interim, [...] morreu Teodora em [5]48, o imperador, diz uma de suas mais belas biografias, entrou [...] num surto depressivo profundo e nunca mais saiu do palácio. [...] A primeira proposta a ser votada foi a Doutrina de Orígenes para poder vetar-se a reencarnação. Os debates foram acirrados, presididos pelo imperador com as armas nas mãos e o debate terminou com a vitória da heresia sobre as doutrinas de Orígenes, por três votos a dois. [...] A partir dali a reencarnação foi colocada à margem e no ano seguinte, 554, [...] o papa homologa as decisões do concílio e a reencarnação é considerada uma doutrina herética. [...] Diz a história das religiões de língua inglesa, que o próprio Justiniano decretou a matança dos reencarnacionistas. A ele se atribui o homicídio de mais de um milhão de pessoas que eram reencarnacionistas (Franco, 2020, grifo nosso).

Como se pode observar nos três excertos a seguir, corroboram com esse testemunho de Divaldo P. Franco: Severino Celestino Da Silva (2009), José Reis Chaves (2002) e Vivaldo J. De Araújo (2015).

Por ter sido ela uma prostituta, suas ex-colegas se sentiam orgulhosas e decantavam tal honra. Mas esse fato a revoltava e se constituía numa desonra, fazendo com que mandasse matar todas as quinhentas prostitutas de Constantinopla.

Os cristãos da época passaram a chamá-la de assassina e a dizer que deveria ser assassinada, quinhentas vezes, em vidas futuras. Este seria seu carma por ter mandado assassinar as suas quinhentas ex-colegas prostitutas.

A partir daí, Teodora passou a odiar a doutrina da Reencarnação e como mandava e desmandava em meio mundo através do seu marido, resolveu partir para uma perseguição sem tréguas contra essa doutrina e contra o seu maior defensor que era Orígenes (Da Silva, 2009, p. 161, 162).

Contam alguns autores que, por ter sido ela uma prostituta, isso era motivo de muito orgulho por parte das

¹⁵ “[...] [Justiniano] did not, ever, think of the Monophysites as heretics. These were, to him, victims of a profound misunderstanding, and it was one of his most rooted convictions that he had a mission to reconcile them to the Church” (Hughes, 1960).

¹⁶ No próximo item, apresentamos um excerto de Franco (2020) com a versão espírita aqui destacada.



suas ex-colegas. Ela sentia, por sua vez, uma grande revolta contra o fato de suas ex-colegas ficarem decantando tal honra, que, para Teodora, se constituía em desonra. Para acabar com esta história, mandou eliminar todas as prostitutas da região de Constantinopla – cerca de quinhentas.

Como o povo naquela época era reencarnacionista, apesar de ser em sua maioria cristão, passou a chamá-la de assassina, e a dizer que deveria ser assassinada, em vidas futuras, quinhentas vezes; que era seu carma por ter mandado assassinar as suas ex-colegas prostitutas.

O certo é que Teodora passou a odiar a doutrina da reencarnação. Como mandava e desmandava em meio mundo através de seu marido, resolveu partir para uma perseguição, sem tréguas contra essa doutrina e contra o seu maior defensor entre os cristãos, Orígenes, cuja fama de sábio era motivo de orgulho dos seguidores do cristianismo, apesar de ele ter vivido quase três séculos antes. (Chaves, 2002, p. 185, 186, grifo do autor).

É que Teodora, esposa do famoso Imperador Justiniano, escravocrata desumana e muito preconceituosa, temia retornar ao mundo, na pele de uma escrava negra e, por isso, desencadeou uma forte pressão sobre o papa da época, Virgílio, que subira ao poder através da criminosa intervenção do general Belisário, para quem os desejos de Teodora eram lei. (De Araújo, 2015).

Não encontramos nenhuma comprovação de que Teodora mandou matar 500 prostitutas. Não existem referências na literatura acadêmica que validam as informações de Divaldo acima citadas e repetidas por outros literatos espíritas. Não há nenhuma comprovação nem mesmo de que os cristãos primitivos, segundo a narrativa desses literatos, eram reencarnacionistas e que o povo teria amaldiçoado a imperatriz a morrer por 500 vezes, como se fora a sua punição.

Dos setenta e nove autores do tema reencarnação, constantes de nossa biblioteca (julho/2012), somente um relata o episódio no qual Teodora teria condenado à morte as quinhentas prostitutas. É o escritor José Reis Chaves, que, infelizmente, não nos informa a sua fonte primária. Fora desta lista temos Kersten, os dois juntos representam apenas 2,5% das obras que dispomos citando o fato (2 em 80). Em razão disso, julgamos ser muito pouco para um assunto tão grave quanto este; que, levando-se em conta a nossa pesquisa, não temos base para afirmar, com um mínimo grau de certeza, o que realmente teria acontecido Neto Sobrinho (2012, p. 5).

As fontes acadêmicas nos remetem ao comportamento de Teodora no passado, ou seja, que sua crença religiosa ficou contaminada por heresias do passado e ela ficou com uma mancha indelével em sua biografia. É provável que à partir dos escritos de Procópio de Cesareia se espalhou a “ideia” segundo a qual, Teodora teria perseguido as prostitutas e as teria encarcerado no convento que ela criou para a recuperação dessas cortesãs. De acordo com Gibbon (1845), o imperador Justiniano ordenou a construção de diversas instituições de caridade, destacando-se entre elas este convento, que foi a mais benevolente de seu reinado. Essa iniciativa foi motivada pela “[...] simpatia da imperatriz por suas irmãs menos afortunadas, que haviam sido seduzidas ou obrigadas a abraçar o comércio da prostituição” (p. 1576). Gibbon (1845) não sugere que Teodora tenha ordenado a prisão ou a morte das prostitutas, uma vez que, em sua opinião, teria sido Justiniano quem ordenou o recolhimento dessas mulheres das ruas e dos bordéis.

Outro ponto a ser destacado é que não encontramos evidências de que ela tenha influenciado seu marido a perseguir os origenistas que supostamente defendiam a reencarnação. Pelo contrário, as fontes corroboram a tese de que através de gestos típicos de ativismo feminista¹⁷, similar ao que se vê nos dias atuais ela foi notável na luta dos movimentos sociais incluindo a realização de trabalhos de caridade, influenciando as políticas sociais de Justiniano como, por exemplo, a aprovação de leis que proibiam a prostituição forçada em bordéis, a criação de um convento¹⁸ onde as prostitutas dispostas a mudar de vida pudessem se recuperar para voltar e recomeçar tudo de novo (Da Cruz & Mamedes, 2014, p. 40,41; Mamedes, 2022). “Teodora sempre prestou auxílio às mulheres aflitas. Certa vez, devido a uma lei, muitas ex-prostitutas foram abandonadas à própria sorte, sem ter acesso aos rendimentos que tinham conseguido em sua antiga ‘profissão’. Teodora, possivelmente sacando moedas de ouro de seus cofres particulares, resolveu o caso, distribuindo ouro para todas as ex-rameiras.” (Cf. Cesaretti, 2004, p. 229).

Mas Teodora também se preocupava em buscar punições contra os crimes da carne. Por exemplo, ela reuniu mais de quinhentas prostitutas daquelas que ganhavam seu salário no meio da praça por três óbolos necessários para sobreviver, e as enviou para a outra margem, trancando-as no que se chama de convento para forçá-las a mudar de ideia. Algumas delas se jogaram de cima à noite e assim escaparam de uma mudança que não desejavam¹⁹ (De Cesarea, 2000, p. 255, tradução nossa).

¹⁷Esse comentário não visa estabelecer nenhum tipo de anacronismo, ou seja, não podemos dizer que ela era uma militante feminista, não naquela época.

¹⁸Uma espécie de mosteiro.

¹⁹ “Pero también Teodora se preocupaba de buscar castigos contra los delitos de la carne. Reunió por ejemplo a más de quinientas prostitutas de las que ganaban su salario en me dio del ágora por tres óbolos, lo necesario para sobre vivir, y las envió a la otra orilla, encerrándolas en lo que se llama un monasterio para obligarles a cambiar de vida. Algunas de ellas se arrojaron de noche desde lo alto y de este modo escaparon a un cambio que ellas no habían deseado” (De Cesarea, 2000, p. 255).



V AS SUPOSTAS IDEIAS DE ORÍGENES QUE FORAM CONDENADAS PELO CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA DE 553

Outra controvérsia que estudamos nesse artigo é a questão da reencarnação no Cristianismo Primitivo. Alguns pesquisadores afirmam que a teoria da reencarnação era aceita pelos cristãos primitivos, no entanto, outros não mencionam esse fato. Além de desenvolver essa ideia, também iremos analisar o que ocorreu no Concílio de Constantinopla de 553.

Nascido em Alexandria (Egito), Orígenes (185-254) foi um grande erudito da Igreja cristã de língua grega, é aclamado como o maior teólogo e escritor do Cristianismo Primitivo, um dos maiores gênios da Igreja, um dos fundadores da filosofia cristã e um grande exegeta. Sua obra se perpetuou na história, erigida quando os dogmas da Igreja estavam sendo construídos, numa época em que emergiram pensamentos e interpretações divergentes, onde a Igreja estava incorporando pessoas de diversas religiões e contextos culturais diferentes, tendo Orígenes contribuído na criação da doutrina teológica cristã (Cf. Guinot, 2018, p. 4).

Nesse artigo, fizemos um recorte histórico entre os séculos IV e VIII, época das grandes controvérsias cristológicas debatidas nos primeiros Concílios Ecumênicos da Igreja. Buscava-se resolver as grandes questões doutrinárias sobre certos assuntos da fé cristã, como a virgindade de Maria, a Santíssima Trindade e o corpo de Cristo, a fim de definir a ortodoxia cristã. Foi nessa época que Orígenes foi acusado de heresia por advogar a pluralidade das vidas sucessivas; como podemos observar nos excertos a seguir, extraídos de sua obra “Tratado sobre os princípios”:

E para que a questão possa ser resolvida com maior precisão, precisamos, em primeiro lugar, investigar se **é possível para naturezas racionais permanecerem completamente incorpóreas depois de atingirem o cume da santidade e felicidade** (o que parece ser uma conquista muito difícil e quase impossível), **ou se elas sempre devem necessariamente estar unidas a corpos. Se, então, alguém pudesse mostrar uma razão pela qual fosse possível para elas dispensarem completamente os corpos**, parecerá seguir que, assim como

uma natureza corporal, criada a partir do nada após intervalos de tempo, foi produzida quando não existia, também deve cessar de existir quando os propósitos que ela serve não existirem mais. [...] portanto, a substância material deste mundo, possuindo uma natureza que admite todas as transformações possíveis, **é, quando arrastada para seres de um nível inferior, moldada na condição mais grosseira e sólida de um corpo, de maneira a distinguir aquelas formas visíveis e variáveis do mundo; mas quando se torna o servo de seres mais perfeitos e abençoados, brilha no esplendor de corpos celestes e adorna, seja os anjos de Deus ou os filhos da ressurreição, como a roupa de um corpo espiritual, de todos os quais será preenchido o estado diverso e variável do único mundo**²⁰ (“On the Perpetuity of Bodily Nature”, em Origen, 1885, grifos e tradução nossos).

Vendo, então, como dissemos, que **a natureza racional era mutável e passível de mudanças, de tal forma que fazia uso de um revestimento corporal desta ou daquela espécie de qualidade**, de acordo com seus méritos, era necessário, como Deus previu que haveria diversidades nas almas ou poderes espirituais, que Ele também criasse uma natureza corporal cujas qualidades pudessem ser mudadas à vontade do Criador em tudo o que fosse necessário. Esta natureza corporal deve durar tanto quanto aquelas coisas que a requerem como revestimento: **pois sempre haverá naturezas racionais que precisem de um revestimento corporal; e haverá, portanto, sempre uma natureza corporal cujos revestimentos serão necessariamente usados por criaturas racionais**, a menos que alguém consiga demonstrar por argumentos que uma natureza racional pode viver sem um corpo²¹ (“Summary (of Doctrine) Regarding the Father, the Son, and the Holy Spirit, and the Other Topics Discussed in the Preceding Pages”, em Origen, 1885, grifos e tradução nossos).

Após analisarmos os dois excertos, observamos que Orígenes defende a reencarnação. Para corroborar essa afirmação, destacamos em negrito no primeiro excerto, as expressões: “[...] **naturezas racionais permanecerem completamente incorpóreas depois de atingirem o cume da santidade e felicidade, ou se elas sempre devem necessariamente estar unidas a corpos** [...]”

²⁰ “And that the question may be determined with greater precision, we have, in the first place, to inquire if it is possible for rational natures to remain altogether incorporeal after they have reached the summit of holiness and happiness (which seems to me a most difficult and almost impossible attainment), or whether they must always of necessity be united to bodies. If, then, any one could show a reason why it was possible for them to dispense wholly with bodies, it will appear to follow: hat as a bodily nature, created out of nothing after intervals of time, was produced when it did not exist, so also it must cease to be when the purposes which it served had no longer an existence. therefore, that material substance of this world, possessing a nature admitting of all possible transformations, is, when dragged down to beings of a lower order, moulded into the crasser and more solid condition of a body, so as to distinguish those visible and varying forms of the world; but when it becomes the servant of more perfect and more blessed beings, it shines in the splendour of celestial bodies, and adorns either the angels of God or the sons of the resurrection with the clothing of a spiritual body, out of all which will be filled up the diverse and varying state of the one world” (“On the Perpetuity of Bodily Nature”, in Origen, 1885).

²¹ “Seeing, then, as we have said, that rational nature was mutable and changeable, so that it made use of a different bodily covering of this or that sort of quality, according to its merits, it was necessary, as God foreknew there would be diversities in souls or spiritual powers, that He should create also a bodily nature the qualities of which might be changed at the will of the Creator into all that was required. And this bodily nature must last as long as those things which require it as a covering: for there will be always rational natures which need a bodily covering; and there will therefore always be a bodily nature whose coverings must necessarily be used by rational creatures, unless some one be able to demonstrate by arguments that a rational nature can live without a body” (“Summary (of Doctrine) Regarding the Father, the Son, and the Holy Spirit, and the Other Topics Discussed in the Preceding Pages”, in Origen, 1885).



e “[...] *quando arrastadas para seres de um nível inferior, moldada na condição mais grosseira e sólida de um corpo, de maneira a distinguir aquelas formas visíveis e variáveis do mundo; mas quando se torna o servo de seres mais perfeitos e abençoados, brilha no esplendor de corpos celestes que adornam, seja os anjos de Deus ou os filhos da ressurreição, como a roupa de um corpo espiritual* [...]”. Segundo Orígenes, existem duas possibilidades em relação às “Naturezas racionais” (Espíritos): 1^a) quando alcançam a perfeição, ou seja, o ápice da santidade e felicidade, tornam-se incorpóreos e não precisam reencarnar; 2^a) se não alcançaram a perfeição, continuam reencarnando em corpos grosseiros, e conforme evoluem, utilizam corpos mais leves, celestiais, que adornam tanto os anjos de Deus quanto os filhos da ressurreição que reencarnam. Do segundo excerto, separamos duas frases de Orígenes: “[...] *a natureza racional era mutável e passível de mudanças, de tal forma que fazia uso de um revestimento corporal desta ou daquela espécie de qualidade* [...]” e “[...] *sempre haverá naturezas racionais que precisam de um revestimento corporal; e haverá, portanto, sempre uma natureza corporal cujos revestimentos serão necessariamente usados por criaturas racionais* [...]”. Na primeira frase, o autor afirma que o Espírito é um ser em evolução, sujeito a mudanças, e que, de acordo com seu estado evolutivo, utiliza um revestimento corporal mais grosseiro ou mais leve. Já na segunda frase, ele afirma que sempre haverá Espíritos que precisam de um corpo para evoluir, e, portanto, sempre haverá corpos disponíveis para que os Espíritos possam reencarnar²² (Cf. Kardec, 2019d).

Embora um número considerável de eruditos afirme que Orígenes não defendeu a reencarnação e, ao contrário, tenha textualmente afirmado ser contrário a essa tese, sem provas de que ela tenha feito parte de sua Doutrina ou tenha sido excluída da Bíblia no século VI, outros investigadores declaram que ele teria apresentado a teoria de forma especulativa. Sua obra praticamente se perdeu ou foi destruída, por ter sido considerada herética pela igreja devido a condenações e controvérsias. Isso nos con-

vida a pensar na possibilidade de ele ter estudado, ainda que de maneira especulativa, a Doutrina da reencarnação nos Evangelhos. Orígenes, influenciado pelas ideias de Platão e dos estoicos, era uma mente aberta dedicada ao estudo da filosofia e à busca da verdade (Cf. Antiseri & Reale, 1990, p. 413, 414).

Outro ponto que merece destaque é a ausência do termo “reencarnação” na obra de Orígenes, conforme observado. Pelo contrário, ele teria expressamente se oposto a essa teoria. Nesse sentido, podemos citar um debate registrado no livro *A gênese*, de Allan Kardec (2019a), a fim de estabelecer uma analogia com o assunto em questão. Ao tratar da “Tentação de Cristo no deserto”²³, episódio narrado nos evangelhos de Mateus (4:1-11), Marcos (1:12,13) e Lucas (4:1-13), Allan Kardec recorreu aos Espíritos para esclarecer a influência do demônio sobre Jesus. Para responder a evocação de Kardec, João, o evangelista, indagou que o Cristo não pode ser tentado por ser um Espírito puro²⁴ e não possui nenhuma de nossas fraquezas. Ele afirmou que a narrativa da investida é uma parábola sobre a condição humana, à qual todos estamos sujeitos, e não um acontecimento que tenha transcorrido com Jesus. O fato ser narrado por três apóstolos confere uma aparência de veracidade à narrativa, embora seja polêmico. Jesus, um Espírito puro ou perfeito, foi tentado pelo demônio. Nesse caso, podemos utilizar a lógica, o bom senso e a razão para observar, comparar e analisar o texto e concluir²⁵ que a explicação do Espírito é precisa e resolve o impasse. Da forma análoga, podemos abordar a tese da reencarnação na Doutrina de Orígenes, mesmo sem ter uma afirmação literal do autor a respeito do seu uso.

Desde o reinado de Teodósio, que tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano no ano 380, e, considerando que os imperadores eram autocratas²⁶, e adquiriram o direito de convocar os Concílios Episcopais visando “*buscar a unidade do pensamento cristão*”, ou seja, passaram a influenciar na construção dos dogmas da Igreja e se aliar à corrente ortodoxa que melhor se conciliasse com suas ideias religiosas e políticas (Cf. Figueiredo, 2018, p. 20,21).

²² Ver: *O livro dos Espíritos*, Parte segunda - Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos, Cap. 1 - Dos Espíritos, Escala espírita: item 91 e seguinte.

²³ (Cf. Pinto, 2018, p. 109).

²⁴ Ver: *O livro dos Espíritos*, Parte segunda - Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos, Cap. 1 - Dos Espíritos, Escala espírita: itens 112 e 113. *O livro dos Espíritos*, Parte terceira - Das leis morais, Cap. 1 - Da lei divina ou natural; Conhecimento da lei natural: item 625.

²⁵ Allan Kardec esclarece que o Espiritismo participa simultaneamente da revelação divina e da revelação científica. Ele participa da revelação divina por ser resultado do ensinamento concordante dos Espíritos superiores, e participa da revolução científica porque não foi ditado de forma completa, nem imposto à fé cega. É deduzido pelo trabalho do homem, ou seja, é resultado da aplicação do método experimental, que consiste em observar, comparar e analisar os efeitos, referenciando-os às causas, a fim de chegar à lei que os norteia. Após isso, deve-se deduzir suas consequências e buscar suas aplicações úteis. Foi por meio da observação dos fatos que Kardec chegou às suas conclusões sobre os princípios espíritas (Cf. Kardec, 2019a, p. 22).

²⁶ “*Lembremos que a expressão autocrata é originária do grego autokrator, que foi legado pelo período helenístico, onde os reis helenistas autocratas eram divinizados. Suas imagens ocupavam lugares juntos aos templos dos deuses, eles eram a fonte da lei em seus reinos, e como tal, eles eram a lei encarnada. Apesar de ser o monarca, humano, era, ao mesmo tempo, mais que um homem, pois ele corporificava a força vital divina, que deu às leis sua substância*” (Mamedes, 2019, p. 54).

²⁷ “*Na hierarquia eclesiástica oriental, os dois principais protagonistas que desenvolveram ideias divergentes acerca dessa questão foram os bispos Cirilo de Alexandria (aprox. 375-444) e Nestório de Constantinopla (aprox. 386-451). Cirilo advogava a existência de uma verdadeira união (ένωσις) entre as duas naturezas, de modo que a Virgem Maria deveria ser reconhecida pelo epíteto de Portadora de Deus (Θεοτόκος). Nestório, no que lhe concerne, pregava uma conjunção (συνάφεια), sem a fusão entre o humano e o divino, e entendia que, ao gerar o Cristo, a Virgem teria sido portadora tão somente da sua porção humana. Nesse sentido, seria mais adequado que ela*



O centro dos debates no Concílio de Constantinopla de 553, foi a chamada “Controvérsia Nestoriana²⁷”, que trata do embate sobre a natureza divina e humana do Cristo²⁸ e remonta aos Concílios de Éfeso de 431²⁹, que considerou heréticas as ideias de Nestório; e o de Calcedônia de 451³⁰, que considerou hereges o Nestorianismo e o Monofisismo³¹, ou seja, a Controvérsia Nestoriana marcou o embate da Igreja ortodoxa contra às duas heresias cristológicas de parte do século V e os séculos que se sucederam, por tentativas de reunificação da Igreja ortodoxa.

As concepções doutrinárias de Cirilo, por exemplo, foram elaboradas tendo como base o pensamento teológico dos seus antecessores alexandrinos, que buscavam sustentar argumentos para explicar a encarnação de Cristo, por meio da Virgem Maria, no sentido de não comprometer a sua divindade (Boulnois, 1994). Enquanto Nestório, originário da região de Antioquia e de ascendência persa, buscava um modo de justificar a relação entre humano e divino que se interagem, mas não se fundiam em Cristo, no sentido de ressaltar a sua humanidade (Chesnut, 1978) (Figueiredo, 2018, p. 19).

Apesar da condenação das ideias de Nestório no Concílio de 451, as diferenças entre cirilianos e nestorianos ainda permaneceram nos debates da chamada Controvérsia dos “Três Capítulos”³², desenrolada no governo de Justiniano I, onde de um lado estavam os diofisistas³³, seguidores de Nestório, e, do outro lado, os monofisistas, seguidores de Cirilo.

A principal tarefa do V Conselho Ecumênico foi julgar os Três Capítulos, nomeadamente Teodoro de Mopsuéstia, Teodoro de Ciro (os seus escritos anti-Cirilo) e Ibas de Edessa (a sua carta a Maris). Justiniano e muitos outros no Oriente - certamente os monofisistas, consideraram o ensino dos três teólogos como nestorianismo. O fato de a sua reabilitação em Calcedônia [...] ter sido vista pelos monofisitas como uma prova das suas “inclinações nestorianas” deve ter desempenhado um papel significativo, na decisão de

fosse denominada de *Portadora de Cristo* (*Χριστοτόκος*)” (Figueiredo, 2018, p. 18).

²⁸ À “Controvérsia Nestoriana”, além do embate teológico, também acrescentamos a existência de fatores políticos, religiosos e administrativos (Cf. ?, p. 111).

²⁹ III Concílio Ecumênico.

³⁰ IV Concílio Ecumênico.

³¹ Que no que lhe concerne refutava o Nestorianismo.

³² “O nome de Três Capítulos é designado à pessoa e obra de Teodoro de Mopsuéstia, aos escritos de Teodoro de Ciro contra Cirilo de Alexandria e o Concílio de Éfeso em 431, e finalmente a uma carta de Ibas de Edessa defendendo Teodoro de Mopsuéstia contra Cirilo de Alexandria e foi dirigido a outro eclesiástico chamado Maris” (De Aguilera, 1987, p. 123, tradução nossa). No original: “Se designa con el nombre de Tres Capítulos a la persona y la obra de Teodoro de Mopsuestia, a los escritos de Teodoro de Ciro contra Cirilo de Alejandría y el Concilio de Efeso de 431, y finalmente a una carta de Ibas de Edesa que defendía a Teodoro de Mopsuestia contra Cirilo de Alejandría y estaba dirigida a otro eclesiástico llamado Maris” (De Aguilera, 1987, p. 123).

³³ Ou Calcedonianos. O Diofisismo também é conhecido como heresia nestoriana.

³⁴ “As we have already mentioned the main task of the Fifth Ecumenical Council was to judge the Three Chapters, namely Theodore of Mopsuestia, Theodoret of Cyrus (his anti-Cyrrillian writings) and Ibas of Edessa (his letter to Maris). Justinian and many others in the East - certainly the Monophysites - considered the teaching of the three theologians as Nestorian. The fact that their rehabilitation at Chalcedon (as we shall in the next chapter) was seen by the Monophysites as an evidence of its ‘nestorian’ leanings must have played a significant role in Justinian’s decision to ask for their condemnation. Furthermore, their christological outlook was still popular in some Chalcedonian circles” (Pavouris, 2001, p. 87).

³⁵ “According to Orthodox Christianity, Jesus is of one personality consisting of two properties which are connected with one another without being mixed, and in harmony without being contradictory. These two natures are united but distinct; one but two: unconfused, indivisible, inseparable [but united]” (Che, 2015, p. 269).

Justiniano de pedir a sua condenação. Além disso, a sua perspectiva cristológica ainda era popular em alguns círculos calcedonianos³⁴ (Pavouris, 2001, p. 87, tradução nossa).

O II Concílio de Constantinopla de 553 condenou a heresia da Controvérsia dos “Três Capítulos”, confirmou a doutrina dos Concílios anteriores sobre a Trindade, a divindade de Jesus Cristo e a maternidade divina de Maria, além de ter condenado o Monofisismo, ou seja, o II Concílio de Constantinopla de 553, definiu duas naturezas e uma pessoa em Jesus Cristo (Adaptado de Fernández apud De Cesarea, 2003, p. 14).

Consoante o Cristianismo Ortodoxo, Jesus é de uma personalidade que consiste em duas propriedades, que estão ligadas uma à outra sem serem misturadas, e em harmonia sem serem contraditórias. Estas duas naturezas são unidas, mas distintas; uma, mas duas: inconfundíveis, indivisíveis, inseparáveis [mas unidas]³⁵ (Che, 2015, p. 269, tradução nossa).

A controvérsia entre Roma e Constantinopla não foi motivada apenas por questões teológicas ou doutrinárias, Roma nunca aceitou a perda de sua primazia política, nem a ascensão de Constantinopla como capital do Império, criando uma rivalidade que afetou a posição das duas igrejas e sua relação com o Império. O que estava em jogo era uma questão política altamente relevante. Assim, nem Orígenes e muito menos o Origenismo foram a causa dessa controvérsia.

Sob a pressão do poder imperial, Roma teve que admiti-lo, mas sem aceitar os cânones dos concílios que atribuíam a Constantinopla um status igual ao seu. Bem, a conquista da Itália pelos hunos e, em seguida, pelos godos fez com que Roma se encontrasse fora das fronteiras do império e longe da autoridade do imperador de Bizâncio. Isso permitiu que agisse em questões eclesiásticas sem temer as reações ou sanções imperiais que poderiam decorrer. No entanto, essa situação foi a causa de muitas outras complica-



ções³⁶ (Yannopoulos, 1993, p.110, tradução nossa).

Durante seu reinado, Justiniano empenhou-se em reintegrar os monofisistas à Igreja, pois caso contrário, suas províncias meridionais poderiam se separar e se dirigirem rumo à Pérsia. A partir de 532, organizou uma série de conferências, sínodos e concílios entre ortodoxos e monofisistas, a fim de definir as principais diferenças entre suas respectivas doutrinas para reintegrar os monofisistas (Cf. Yannopoulos, 1993, p. 111).

A respeito da condenação das ideias de Orígenes sobre preexistência da alma e reencarnação, certa vez, houve um longo debate sobre a veracidade de o Concílio de 553 ter emitido alguns cânones condenando o Origenismo. Não há nos atos desse Concílio tais cânones, assim como nenhuma referência sobre o debate relacionado com o Origenismo. Outro fato importante é a carta de Justiniano que foi lida na abertura do Concílio, não fazer nenhuma referência sobre o embate entre as facções pró e antiorigenista (Cf. Price, 2009, p. 270).

A tensão entre as facções pró e antiorigenistas chegou no auge em 543, quando os patriarcas de Jerusalém e Antioquia escreveram para Justiniano, pressionando pela condenação de Orígenes. O momento se mostrou propício, pela preocupação do imperador em reafirmar a ortodoxia do império na esteira dos desastres do início da década de 540, particularmente a grande peste. Apesar da influência de [Teodoro] Ascidas e vozes pró-origenistas em Constantinopla, Justiniano emitiu um edito [em 543] e um conjunto de cânones condenando o Origenismo³⁷ (Price, 2009, p. 274, grifo e tradução nossos).

No século VI aumentou a tensão entre os discípulos de Orígenes e as facções antiorigenistas que viviam na Palestina, de modo que foram os patriarcas de Jerusalém e Antioquia que pressionaram o imperador para que ele convocasse em 543 um Sínodo contra o Origenismo, ou seja, não foi um pedido de Teodora a seu marido para que ele declarasse que a reencarnação era anátema.

No que diz respeito ao Origenismo, uma carta de Justiniano, cujo texto foi “perdido”, serviu como docu-

mento de trabalho. E, por sua vez, o decreto de 543 foi praticamente ignorado. É verdade que o Concílio condenou Orígenes, as suas ideias e os seus seguidores. As teorias sobre a apocatástase do universo, sobre a reencarnação das almas e outras teorias menos conhecidas foram consideradas heréticas. Infelizmente, os Atos perderam-se e mesmo a tradução latina não está disponível, uma vez que a questão não interessava aos ocidentais. Mesmo que o nosso conhecimento neste campo seja muito incompleto, o rápido declínio do Origenismo após o Concílio significa como prova de que foi condenado em termos perfeitamente claros e severos³⁸ (Yannopoulos, 1993, p. 115,116, tradução nossa).

Não há referências sobre a influência de Teodora sobre Justiniano para retirar a reencarnação dos cânones da Igreja. Desse jeito, fica evidenciada outra divergência entre a narrativa de alguns confrades espíritas e a narrativa acadêmica. As evidências encontradas nos mostram que Orígenes e seus seguidores defendiam a reencarnação, mas esse debate ficou restrito ao Alto Clero, seja na Antiguidade Tardia ou na Alta Idade Média³⁹, ou seja, o povo não teve o privilégio de se conectar com essas informações, somente os intelectuais da Igreja tiveram acesso a esses conceitos e participaram desse debate (Cf. Lemos, 2016, p. 61, 72).

VI À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao comparar os escritos eruditos com parte da literatura espírita sobre fatos da história da imperatriz Teodora, podemos notar que houve acordo entre essas fontes sobre ela ter sido uma cortesã pobre que se tornou uma consorte imperial; mas não encontramos referências que indicam que Teodora teria mandado matar 500 prostitutas ou que ela tenha sido dura com elas. Pelo contrário, as fontes encontradas nos remetem à sua dedicação à defesa das demandas das mulheres de sua época, principalmente as prostitutas. Por fim, apesar de a Igreja ter destruído parte significativa da obra de Orígenes, ainda assim, encontramos fontes que nos revelam que ele e seus seguidores defendiam os conceitos de preexistência da alma e

³⁶ “Bajo la presión del poder imperial, Roma había tenido que admitirlo, pero sin aceptar los cánones de los concilios que atribuían a Constantinopla un estatuto igual al suyo. Pues bien, la conquista de Italia por los hunos y a continuación por los godos hizo que Roma llegara a encontrarse fuera de las fronteras del imperio y lejos de la autoridad del emperador de Bizancio. Esto le permitía actuar en materia eclesiástica sin tener que temer las reacciones imperiales ni las sanciones que de allí podían derivarse. Esta situación, sin embargo, fue causa de otras muchas complicaciones” (Yannopoulos, 1993, p.110).

³⁷ “Tension between the pro- and anti-Origenist factions came to a head in 543, when the patriarchs of both Jerusalem and Antioch wrote to Justinian, pressing for a condemnation of Origen. The moment proved propitious, because of the emperor’s concern to reaffirm the orthodoxy of the empire in the wake of the disasters of the early 540s, particularly the great plague.23. Despite the influence of [Teodoro] Ascidas and pro-Origenist voices in Constantinople, Justinian issued an edict and a set of canons condemning Origenism” (Price, 2009, p. 274).

³⁸ “Por lo que atañe al origenismo, una carta de Justiniano, cuyo texto se ha “perdido”, servía como documento de trabajo. Y a su vez, el decreto del año 543 fue prácticamente ignorado. Es verdad que el concilio condenó a Orígenes, sus ideas y a sus seguidores. Fueron consideradas como heréticas las teorías sobre la apocatástasis del universo, sobre la reencarnación de las almas y otras menos conocidas. Desgraciadamente, se han perdido las actas y ni siquiera podemos disponer de la traducción latina, ya que la cuestión no interesaba a los occidentales. Aun cuando nuestros conocimientos en este terreno son muy incompletos, la rápida decadencia del origenismo después del concilio significa con evidencia que fue condenado en términos perfectamente claros y severos (Yannopoulos, 1993, p. 115,116).

³⁹ “Como contraponto às noções de ruptura e decadência do mundo romano, implícitas na expressão Baixo Império, a Antiguidade Tardia afirmou-se como o elo entre Antiguidade e Idade Média. [...]. O uso da expressão Alta Idade Média não indica necessariamente a crença em uma ruptura entre Antiguidade e Idade Média. [...]. Sem querer atribuir significado excessivo aos marcos cronológicos, creio que a expressão Alta Idade Média é mais adequada do que Antiguidade Tardia à plasticidade das sociedades romano-bárbaras que emergem a partir dos séculos V e VI (Cândido da Silva, 2008, p. 57 e 61).



reencarnação, e que não teria sido Teodora quem determinou que a reencarnação fosse eliminada dos cânones da Igreja.

Com relação à controvérsia sobre o assassinato de 500 prostitutas, a mando da imperatriz Teodora como são poucos os registros na literatura espírita, invocamos o pensamento de Allan Kardec, em especial, o critério de universalização do ensino dos Espíritos, um princípio fundamental do Espiritismo, que instrui os espíritas a observarem se existe concordância ou não, a respeito do assunto, entre as revelações feitas pelos Espíritos, por intermédio de médiuns diferentes, em diversos lugares. Considerando que a forma forte do critério do consenso universal do ensino dos Espíritos é aquela em que a revelação é ditada *espontaneamente* por vários Espíritos, em diversos pontos, essa revelação não será aceita como verdadeira enquanto for revelada apenas por um Espírito, ou alguns Espíritos, ou por um médium, ou alguns médiuns. Por isso é necessário maior prudência antes de divulgar uma nova “verdade” que fora revelada por um Espírito ou um espírita. Se for o caso de revelá-la, faz-se mister apresentá-la como uma opinião, necessitando de confirmação (Cf. Kardec, 2019c, p. 19 a 26). “Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade, a menos se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida” (Kardec, 2019c, p. 24).

Consideramos a revelação espiritual do assassinato de 500 prostitutas, a mando da imperatriz Teodora, como uma opinião pessoal de alguns Espíritos e alguns espíritas e que, por hora, deve ficar de “quarentena” esperando pela confirmação dos Espíritos superiores, confirmação que poder vir espontaneamente ou por evocação, através de entrevista com os Espíritos, com o uso de metodologia científica, adequando-a ao objeto de estudo, nesse caso, os Espíritos, o que é assunto para outra pesquisa.

Com relação às ideias de Orígenes sobre reencarnação, é importante ressaltar que esse período histórico, conhecido por alguns como Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, foi o período em que a educação estava nas mãos da Igreja e que somente alguns religiosos é que tinham acesso aos livros e ao conhecimento, de modo que o povo não teve acesso às ideias de Orígenes, ou seja, o povo não era reencarnacionista. Os adeptos da reencarnação eram apenas os origenistas.

Para finalizar, é importante dizer que não temos a intenção de fechar questão sobre esses antagonismos, controvérsias ou polêmicas, ao contrário, que esse estudo possa inspirar outras pesquisas dessa temática, para continuar a busca por novas fontes e descobertas.

REFERÊNCIAS

- ANTISERI, D; REALE, G. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: PAULUS, 1990.
- CÂNDIDO DA SILVA, M. “ENTRE “ANTIGUIDADE TARDIA” E “ALTA IDADE MÉDIA”” *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História* **12**, 53 (2008). Disponível em: <https://www. redalyc.org/articulo.oa?id=305526872004>. Acesso em 04 abr. 2023.
- CESARETTI, P. “Teodora: Empress of Byzantium”. Translated from the Italian by Rosanna M. Giammanco Frongia, Ph.D. New York-EUA: Magowan Publishing LLC and The Vendôme Press.
- CHAVES, J. R. *A reencarnação segundo a bíblia e a ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CHE, J. “The Political and Social Conflict between Orthodox Christianity (Constantinople and Rome) and Eastern Monophysitism”, *Athens Journal of History* **1**, 267 (2015). DOI: 10.30958/ajhis.1-4-2.
- CORREIA, R. “Imperatriz Teodora de Bizâncio – Mulheres incríveis #04.” Site de divulgação pessoal. Disponível em <https://voc.link/imperatriz-teodora>.
- DA CRUZ, M. S.; MAMEDES, K. C. C. B. M. “O poder das mulheres e a construção da memória na Antiguidade Tardia: o caso de Teodora e Clotilde”, *Revista Mundo Antigo* **3**, 27 (2014).
- DE AGUILERA, A. B. “El conflicto de los Tres capítulos y las Iglesias Hispánicas en los siglos VI y VII”. *Studia histórica, Historia medieval* **5**, 123 (1987). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 abr. 2023.
- DE ARAÚJO, V. J. “Porque a reencarnação passou a ser condenada pela Igreja Católica”. *Portal do Espírito*, 2015. Disponível neste [link](#). Acesso em 02 de fev. de 2022.
- DE CESAREA, P. *Historia secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos S. A., 2000.
- . *Los Edificios*. Traducción, introducción y notas de Miguel Periago Llorente. Estudios orientales 7. Universidad de Murcia. Murcia-ESP: CEPOAT, 2003.
- DE FARIA, L. T. “Palingenesia e modos do cuidado de si no surgimento do discurso espírita”. Tese do doutorado em Análise linguística. PPGLL, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2017. Disponível neste [link](#). Acesso em 23 de mai. de 2022.
- DOS SANTOS, Aylla Maria Alves. “A imperatriz Teodora e a caracterização feminina elaborada por Procópio de Cesárea em História secreta”. Monografia – CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) Departamento de História (DHI), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14778> . Acesso em 04 de abr. de 2023.
- DA SILVA, S. C. *Analisando as traduções bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*. João Pessoa: Ideia, 2009.
- DUFFY, S. F. S. *Theodora: actress, empress, whore*. London: Virago, 2011.
- . “Identidade religiosa ortodoxa no século V d.C.”, *Revista Alétheia* **9**, 50 (2014). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 de abr. de 2023.
- FIGUEIREDO, D. “A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.)”. Tese de doutorado em História”. PPGHIS da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca-SP, 2018.
- FRANCO, D. P. “A reencarnação através dos tempos”. Canal FEP, *Youtube*, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QevQcGNGJKQ>. Acesso em 28 dez. de 2021.
- FRENCH, D. R. “Maintaining Boundaries: The Status of Actresses in Early Christian Society”, *Vigiliae Christianae* **52**, 293 (1998). DOI: 10.2307/1584505.
- GIBBON, E. “Reign of Justinian”. Em *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Grand Rapids, MI - EUA: Christian Classics Ethereal Library, 1845. Vol. 4, Chapter XL, Part I, p. 1565.



- GUINOT, T. "From the closure of the schools of Athens to the Second Council of Constantinople: Repudiating a tradition dating back to Antiquity", *Rose+Croix Journal* **12**, 1 (2018). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 de abr. de 2023.
- HERNÁNDEZ, P. C. "El Hipódromo de Constantinopla: encuentros y desencuentros – El imaginário em torno al circo y su poder (ss. VI – VII)", *Revista Electrónica Histórias del Orbis Terrarum* **4**, 33 (2010). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 de abr. de 2023.
- HOLMES, W. G. *The age of Justinian and Theodora: a history of the sixth century A.D.* Vol. 1. London: G. Bell and Sons, 1912. Disponível neste [link](#). Acesso em 05 de abr. de 2023.
- HUGHES, P. *The Church in Crisis: a History of the General Councils 325-1870*. Garden City-EUA: Hanover House, 1960. Disponível neste [link](#). Acesso em 04 de abr. de 2023.
- KARDEC, A. "Formação da Terra – Teoria da incrustação planetária". *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, **abril** (1860). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: FEB, p.166, 2007.
- . *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro da 5ª ed. francesa. 53.ed. Brasília: FEB, 2019a. (Ed. Histórica).
- . *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro da 1ª ed. francesa. 41.ed. Brasília: FEB, 2019b. (Ed. Histórica).
- . *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro da 3ª ed. francesa. 131.ed. Brasília: FEB, 2019c.
- . *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93.ed. Brasília: FEB, 2019d. (Ed. Histórica).
- . *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro da 49ª ed. Francesa. 81.ed. Brasília: FEB, 2020. (Ed. Histórica).
- LEMOS, M. S. "A escrita, a oralidade e a construção do poder eclesiástico no Orbis Romanorum", *Politeia: história e sociedade* **16**, 59 (2016). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 de abr. de 2022.
- MAIA JR., J. A. "Justiniano e Teodora" *DLCV* **2**, 155 (2004). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 abr. de 2023.
- MAIER, F. G. *Las transformaciones del mundo Mediterráneo: siglos III – VIII*. Madrid:Editorial Siglo Veintiuno. 1986.
- MAMEDES, K. C. C. B. M. "Guerras secretas: conflitos e negociações na corte do imperador Justiniano". Dissertação de mestrado em História. PPGHIS, IGHD da Universidade Federal do Mato Grosso: Cuiabá, 2018.
- . "Na urdidura do Palácio: a corte de Justiniano e as transformações das relações políticas no mundo tardio antigo", *Revista Ágora* **30**, 50 (2019). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 de abr. de 2023.
- . "A Igreja Cristã Oriental sob Justiniano, Teodora", Canal de Juliana Cavalcanti, *Youtube*, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/Z3DpUYbla6A>. Acesso em 20 de fev. 2022.
- . "Teodora e as 500 prostitutas" *Revista Espiritismo & Ciência Especial* **57**, 56 (2012).
- NETO SOBRINHO, P. S. *Reencarnação no Concílio de Constantinopla: Orígenes x Império Bizantino*. E-book. Belo Horizonte: www.paulosnetos.net.
- ORIGEN. De Principiis. Translated by Frederick Crombie. De Pais Ante-Niceno, Vol. 4. Book II, Chap II, itens 1 e 2. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885. Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. Disponível neste [link](#). Acesso em 25 de fev. de 2022a.
- PAVOURIS, R. "The condemnation of the christology of the three chapters in its historical and doctrinal context: the assessment and judgement of emperor Justinian and the fifth Ecumenical Council (553)". Thesis Doctor of Philosophy. University of Glasgow: Glasgow-UK, 2001. Disponível neste [link](#). Acesso em 20 de fev. de 2022.
- PINTO, M. L. "Análise das tentações de Cristo no deserto: Evangelhos de Mateus (4.1-11), Marcos (1.12-13 e Lucas 4.1-13)", *Teologia e Espiritualidade* **5**, 107 (2018). Disponível neste [link](#). Acesso em 04 abr. 2023.
- PRICE, R. *The Acts of the Council of Constantinople of 553: with related texts on the Three Chapters Controversy*. Volume Two. Liverpool: University of Liverpool Press, 2009. Disponível neste [link](#). Acesso em 28 de fev. de 2022.
- RAVEGNANI, G. *Teodora*. Salerno Editrice: Roma-IT, 2016.
- SOARES, F. S. M. "Mosaicos em procissão: a política de imagens de Justiniano em Ravena (527-565 a.D.)". Dissertação de mestrado em História. PPGHIS, Universidade de Brasília: Brasília, 2006.
- STERN, C. A. "Justinian: Lieutenant of Christ, Legislator for Christendom", *Regent University Law Review* **11**, 151 (1998-1999). Disponível neste [link](#). Acesso em 20 de jan. 2022.
- YANNOPOULOS, P. A. "Del segundo concilio de Constantinopla (553), o quinto concilio ecuménico". In ALBERIGO, Giuseppe (Ed.). *História de los concilios ecumenicos*. Salamanca-ESP: Sígueme, 1993.

TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

Empress Theodora, Origen and Reincarnation in Early Christianity: a Comparative Study.

Abstract: This article aims to present the results of a comparative study on the removal or not, of reincarnation from the canons of the Church at the Second Council of Constantinople in 553. Some believe that this exclusion was influenced by the wife of the Byzantine emperor Justinian I, Theodora, who had been a prostitute and abdicated prostitution after her marriage. The object of study is the contraposition between spiritist and academic literature. Specific objectives: i) to analyze the foundations of the spiritist concept of reincarnation; ii) to know the past of the empress and her importance in the reign of Justinian I; iii) to study the crime that Theodora would have committed against the whores, as well as the curse that fell upon her and iv) to research the hypothetical ideas of Origen about reincarnation, which would have been condemned in this Council. The methodology is bibliographic research of a qualitative nature, with a focus on comparative study and text analysis. It is intended to contrast academic references, such as the writings of Marcus Silva da Cruz and Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes Mamedes (Da Cruz & Mamedes, 2014), with spiritist references, such as the testimony of Divaldo P. Franco (2020), about



the life of Empress Theodora, if in this Council reincarnation was really suppressed from early Christianity and what are the supposed ideas of Origen about reincarnation. As a result, it is hoped to establish some similarities, differences, generalizations and individualizations between the spiritist narrative and the scientific literature.

Keywords: Ecumenical Council; Early Christianity; Empress Theodora; Origen; Reincarnation in the Church.
